



Ο Μητροπολίτης Μπουένος Άϊρες Ίωσήφ

Niceia, catalizador diacrônico da fé legítima

Dr. Iosif Bosch

Arcebispo Metropolitano de Buenos Aires e América do Sul

O dogma como expressão da vida eclesial

Lamentavelmente, hoje a significação dos conceitos “**ortodoxia**” e “**heresia**” manifestamente se desvirtuou. A tensão exercida a partir do atrito entre o fanatismo religioso mais obstinado e a indiferença agnóstica mais libertária produziu hermenêuticas discrepantes e disputadas, sempre análogas e acomodadas à medida da “**ideologia**” da qual dependem.

Por isso, creio necessário voltar à fonte — sempre legítima, original e criativa — na medida em que se baseia na experiência, **sincrônica e diacrônica, pessoal e comunitária**, que tem seus remotos começos na própria criação e cujo cumprimento e perfeição se realizarão nas derradeiras coisas¹.

Para o grande teólogo Nikos Matsoukas, “*a diferença entre Ortodoxia e heresia não é tema de prioridade cronológica ou histórica, mas das particularidades próprias da vida e do respectivo ensinamento*”.² A Ortodoxia da fé, expressa e proclamada tradicionalmente por meio do dogma, por um lado, e a heresia, por outro, não são meros princípios teóricos que depois produzem aplicações práticas. Da nossa perspectiva, trata-se essencialmente de **modos de vida** que, no decurso da história, se encontram, se contrapõem e necessariamente se autoexcluem. Assim, Nikos Matsoukas nos dirá que, na linguagem teológica de nossa Tradição, **o dogma** é considerado a **vida reta**,

¹. ΜΑΤΣΟΥΚΑ, Ν., *Δογματική και Συμβολική Θεολογία Β΄, Έκθεση τής Όρθοδόξου πίστεως σέ αντίπαράθεση μέ τή δυτική χριστιανοσύνη*, Πουρναρά, Θεσσαλονίκη 1999, p. 18-19.

². ΜΑΤΣΟΥΚΑ, Ν., *Δογματική και Συμβολική Θεολογία Β΄*, Ορ. Cit., p. 18-19.

enquanto a heresia, estando em seus antípodas, é sua degradação e corrupção.³

A avaliação e a valoração que validam o dogma — isto é, o produto da vida reta — realizam-se por meio de **critérios vivenciais e experienciais** próprios da vida mesma, que é experimentada e atestada pelos **portadores teóforos** da comunidade, e não por meio de outros critérios que lhe sejam forâneos.

Quando, ao contrário, esse processo de produção e validação do dogma se realiza exclusivamente a partir da meticulosidade especulativa, então descamba necessariamente em **dogmatismo**, que automaticamente impede a fisiologia metodológica de uma teologia legítima — que é a **vida** e a respectiva **doutrina** de uma comunidade de fé, **sempre criativa** —, e da vivência que a atesta e proclama por meio desses **portadores carismáticos** como prova e demonstração para toda a humanidade.

Dessa maneira, os dogmas e as decisões sinodais que os expressam não são meros axiomas especulativos ou verdades teóricas sobre a fé, com supremacia excludente e operação (de)terminante — baseados na Sagrada Escritura e na Tradição — que determinem a vida moral dos cristãos. Embora tal visão seja utilizada em muitos manuais de dogmática, trata-se de uma visão muito **precária** e **enviesada**, que *arteramente* implica variados perigos e deficiências.

Os dogmas, os pronunciamentos sinodais — explica N. Matsoukas — são fórmulas do ensinamento doutrinal da Igreja, as quais analisam, descritiva e **apoditicamente**, o conteúdo da fé, tal como este é expresso na própria **vida** e nos diversos monumentos da Didascália eclesiástica.⁴

Um **sínodo ecumênico** não é outra coisa senão **uma das muitas e multiformes expressões vitais da vida da comunidade de congêneres espirituais que compartilham a mesma consciência espiritual**, que é a Fé. Nessa ótica, não se pode distinguir nem discriminar **teoria e práxis**.

Por fim, o processo de articular decisões sinodais sobre uma Didascália concreta provém das **necessidades** da vida mesma da Igreja, a fim de poder contrabalançar a **de-geração** da Verdade e, assim, facilitar a contínua direção evolutiva rumo à perfeição de todos os membros da sínaxis eclesial.

³. ΜΑΤΣΟΥΚΑ, Ν., *Δογματική και Συμβολική Θεολογία Β'*, Op. Cit., p. 20.

⁴. ΜΑΤΣΟΥΚΑ, Ν., *Δογματική και Συμβολική Θεολογία Β'*, Op. Cit., p. 22,

Niceia 325

a. A cilada ariana

O primeiro concílio ecumênico de Niceia foi convocado pelo Imperador Constantino, o Grande, a fim de dar resposta contundente à heresia que então assolava a Cristandade e o Império. Responsável por ela foi o presbítero alexandrino Ário.

O arianismo, como todas as ideologias de corte herético, baseia-se na impossibilidade — percebida por eles como escândalo! — de assimilar a possibilidade da comunicação direta entre Deus e a criação por meio da participação nas energias divinas increadas. Muito ao contrário, indica N. Matsoukas, ao existir doutrinas de corte nitidamente filosófico, super-exaltaram-se as possibilidades criadas e contingentes — sempre no plano **moral e ético** — de aproximação e relacionamento com Deus.⁵

A doutrina de Ário, prototipo preclaro do **racionalismo teológico**, pode ser resumida nos seguintes pontos⁶:

1. O Filho foi criado no tempo por Deus-Pai como **entidade mediadora** entre Ele e a matéria. Daí nasce o conhecido apotegma ariano «**ἦν πότε ὅτε οὐκ ἦν**», isto é, “*houve um tempo em que (Ele) não existia*”. Essa criação mediadora, chamada “*Logos*” ou “*Sofia*”, foi criada pelo Pai, único ingênito, a fim de, por meio dela, criar o restante da humanidade. Assim, o Logos foi criado como um **órgão** de Deus **por** e **para** nós, para que, por Ele, o restante da humanidade viesse a ser. O Logos, então, vem à existência pela vontade do Pai e, embora seja **órgão** para a criação do restante da criação humana, é considerado superior a seus congêneres, já que é uma criação perfeita de Deus.
2. O Filho **não é consubstancial ao Pai**, pois é uma **criação**. É divinizado por sua **participação** no Pai. É considerado metaforicamente como “*Logos*” e “*Sofia*” do Pai. É chamado igualmente de Deus, embora não o seja por natureza, mas por sua **participação** na Graça divina, nunca, porém, na Divindade, que é exclusiva do Pai. Sua natureza pertence ao plano criado e relativo e é totalmente **estranha, incompatível e forânea** à natureza increada do Pai.

⁵. ΜΑΤΣΟΥΚΑ, Ν., *Δογματική και Συμβολική Θεολογία Β'*, Op. Cit., p. 243.

⁶. ΚΑΡΜΙΡΗ, Ι., *Τά δογματικά και συμβολικά μνημεία της Ὁρθοδόξου Ἐκκλησίας*, Τόμος Ι, ἐν Ἀθήναις 1960, p. 54-56.

3. Pertencendo à dimensão criada, o Filho é **relativo e contingente** e, conseqüentemente, **ignora o Pai**. Seu livre-arbítrio é volúvel e totalmente **mutável**. Esse Logos alcança a plenitude **ética e moral** mediante perfeita obediência e **subordinação voluntária** à vontade do Pai. Atribui-se-lhe, de modo impróprio, a condição de Deus, porque o único Deus verdadeiro o **adotou** como Filho por seus méritos. Fica estabelecido que, para Ário, essa filiação por adoção não resulta em nenhuma participação real na divindade do Pai, **nenhuma semelhança verdadeira** com ela, já que **Deus-Pai não pode ter nenhum semelhante**.

Ário, embora faça a distinção entre energia e essência em Deus-Pai, necessita, conforme seu sistema, de toda a criação **subordinada** à primeira das criações, o Logos criado, que é, nesse sentido, uma **divindade intermediária** entre Deus e a criação.

O Logos de Ário é um **ser perfeito**, na medida em que alcançou a perfeição **ético-moral** pela **obediência e subordinação** voluntária ao Pai. Doravante, a relação Deus-criação se realiza por ações **volitivas e morais**, inteiramente sujeitas à superação evolutiva exclusivamente criada. Conseqüentemente, a criação a partir do nada não tem nenhuma necessidade — nem possibilidade — de participar das energias de Deus. Para assegurar o ser e tudo o mais, basta-lhe sua relação **ético-moral** com Deus, como fez o primeiro ser criado, **Cristo**, que se faz humano para ser **protótipo moral** de todos os homens.

Ário substitui a teologia por um **moralismo** extemporâneo. O arianismo, portanto, é uma heresia, pois comporta-se como mera **ideologia** que produz **um código de conduta a sua medida**. É a dinâmica contrária à comunidade eclesial: **primeiro é a vida, a experiência, e depois se segue o ensinamento, o cânon, o dogma — nunca ao contrário!**

b. A contraofensiva ortodoxa

Essas posições que conformam a ideologia ariana foram apresentadas oficialmente sob a forma de símbolo de fé por Eusébio de Nicomédia aos Padres reunidos em Sínodo. Ao ouvir seu conteúdo, decidiram redigir um símbolo desmentindo o primeiro, composto por uma parte positiva — expondo os artigos de fé — e outra negativa — anatematizando os ensinamentos heréticos de Ário.

A sintaxe do referido símbolo foi realizada com base em símbolos batismais orientais mais antigos. Segundo I. Karmiris, com base nos testemunhos dos presentes Eustáquio de Antioquia, Eusébio de Cesareia e São Atanásio, o Grande, o mais provável é que a comissão de redação do texto se tenha baseado em textos antigos de símbolos batismais de igrejas

palestinas e sírias de procedência hierosolimitana, apresentados por seus respectivos bispos. Do mesmo modo, o autor afirma que os símbolos submetidos à análise não apresentavam diferenças substanciais entre si, pois, baseados na Tradição do Símbolo Apostólico, continham a mesma fé dogmática, numa coerência e continuidade consolidadas e estabelecidas ao longo do tempo em um tipo de Símbolo unificado.⁷

Não obstante, os Padres do Concílio, para combater de maneira evidente, clara, direta e sem concessões a heresia de Ário, acrescentaram certas frases, a saber:

1. **τουτέστιν ἐκ τῆς οὐσίας τοῦ Πατρὸς** – isto é, da mesma natureza-essência do Pai
2. **Θεὸν ἀληθινόν ἐκ Θεοῦ ἀληθινοῦ** -Deus Verdadeiro de Verdadeiro
3. **Γεννηθέντα οὐ ποιηθέντα** -nascido, não criado
4. **ὁμοούσιον τῷ Πατρὶ** -consustancial ao Pai

Uma análise detida e filológica do Símbolo em questão nos dá a pauta de que, em geral, ele se encontra em relação direta e coerente com a Sagrada Escritura, o Símbolo Apostólico e as diferentes formas dos diversos símbolos batismais do Oriente, próprios das igrejas locais de Jerusalém, Cesareia da Palestina e Antioquia.

Todavia, certas palavras e frases que precisaram ser incluídas *ad hoc* — e que não se encontram na Sagrada Escritura nem nos símbolos antigos - *ágrafa* — foram a pedra de tropeço nas discussões, sobretudo para os semi-arianos presentes no Sínodo, sequazes de Eusébio de Nicomédia. O testemunho de São Atanásio, o Grande, contra tais acusações, é terminante: **“Os bispos, não encontrando as palavras adequadas, mas tendo presente o testemunho dos Padres, assim se pronunciaram”**. E assim, tendo como bússola o testemunho vivo dos portadores teóforos da revelação divina como garantia para lograr seu propósito de manter pura a experiência e o ensinamento do apocalipse divino, procederam **legitimamente** a introduzi-las.

Assim, as duas principais *“ágrafa”* são: 1. *ἐκ τῆς οὐσίας τοῦ Πατρὸς* e 2. *ὁμοούσιον τῷ Πατρὶ*, as quais oferecem a correta interpretação da frase anterior *“Filho unigênito, nascido do Pai”*, que se prestava a interpretação ariana. O *“ágrafon”* *“ὁμοούσιον”* derruba qualquer tipo de hermenêutica de corte ariano ou semi-ariano sobre o status existencial do Filho, pois especifica a **unidade e identidade de natureza** — isto é, a ontologia — das duas hipóstases trinitárias, o que, por um lado, desmente a posição ariana que quer o Filho **in-con-substancial** e, por outro, qualquer possibilidade de **“diteísmo”**.⁸

⁷. KAPMIPH, I., *Τά δογματικά καὶ συμβολικά μνημεῖα τῆς Ὁρθοδόξου Ἐκκλησίας*, Op. Cit., p. 57.

⁸. KAPMIPH, I., *Τά δογματικά καὶ συμβολικά μνημεῖα τῆς Ὁρθοδόξου Ἐκκλησίας*, Op. Cit., p. 60.

Dessa forma, os Padres conciliares proclamaram positivamente a fé ortodoxa por meio dessa redação inovadora e criativa na forma, mas absolutamente coerente e alinhada no conteúdo com o testemunho dos Padres teóforos, a consciência do pleroma e a Tradição eclesial.

O perigo dessa heresia, que se difundiu tão rápida e extensamente no Império — e fora dele —, era mais que evidente: **negar a divindade do Filho, do Cristo, supunha diretamente anular a possibilidade de deificação**. Em outras palavras: se Jesus não é Deus, não há redenção; **se Jesus não é o Cristo-Messias, então não têm razão de ser a Igreja, a Tradição, a Doutrina, a ascese**. Por isso, os Padres conciliares fazem tudo o que é necessário para manter pura a fé e o consequente modo de vida⁹ e, assim, evitar que os cristãos percam a possibilidade de alinhar-se ao Teândrico Cristo.

Não se tratava — nem se trata — de uma discussão a mais, nem de fátuas elucubrações metafísicas: **trata-se de uma questão vital, existencial e transcendente!**

A importância de Niceia hoje e nossa responsabilidade

Em uma época em que as sociedades se encontram imersas na indiferença ao sagrado, no sincretismo espiritual, na superficialidade axiológica, na desintegração moral, na imediatividade material, na decadência institucional, uma temática desse gênero ressoa, ao menos, irrelevante.

No entanto, a pergunta deve ser feita: **como nos afeta hoje as decisões dos 318 Padres reunidos há 1700 anos em Niceia da Bitínia?**

Creio que Niceia — assim como todos os concílios ecumênicos — são **pontos de inflexão** na bimilenar vida da Igreja. Contudo, Niceia constitui um marco particular, porque **inaugura** uma **metodologia** que se mostrou mais que eficaz para combater e desativar as diversas **patogenias existenciais** operantes no corpo eclesial durante sua direção sempre evolutiva ao longo da história.

Ponderar Niceia a partir de nossa época, posição e circunstancialidade torna-se **empresa complexa** que, caso nos afastemos da metodologia e do *modus vivendi* que precisamente proclama, pode facilmente descambar em **quimera teórica ou sentimental** para os mais embriagados de teologia; ou simplesmente em **efêmero compromisso** para os mais sóbrios e comedidos

⁹. E vice-versa, óbvio!

nos avatares da fé; ou ainda em **farsa**, para os que sistematicamente tentam reviver a patologia ariana — a nestoriana e a apolinarista — na atualidade.¹⁰

Entretanto, a questão, embora incômoda e embaraçosa, devo colocá-la novamente: **e o cristão comum — independentemente da denominação a que pertença —, o simples fiel, o iniciado na fé, o neófito em questões teológicas? Como isso o afeta? Afeta-o?**

Creio que todos conhecemos a resposta, embora a calemos. E, lamentavelmente, calamos!

Porque Niceia tem importância capital na vida dos cristãos de hoje e de sempre. **Por que? Porque, se Niceia não tivesse acontecido — assim como Constantinopla 381, Éfeso 431, Calcedônia 451 etc. —, hoje não haveria Cristianismo nem Igreja;** e não me refiro à mera institucionalidade exterior, mas à comunidade eclesial, à sínaxis mística, como **atmosfera propícia**, como **meio ambiente análogo** que **facilita a redenção** realizada por Cristo. Tudo o legítimo, original e puro da experiência cristã, herdado dos profetas, apóstolos, mártires e confessores — desde a criação do mundo — ter-se-ia diluído em um turbilhão de ideologias, filosofias e moralismos que conduziriam o homem a outro destino.

É melhor o que hoje vivemos? Não sei. Sei apenas que uma humanidade submersa, há 1700 anos, num Cristianismo falsificado e desnaturado — incapaz de facilitar **redenção e transcendência, consolo e terapia** — teria **agilizado** sua própria destruição. Talvez Niceia, assim como os demais catalisadores sinodais da fé, tenha **retardado** *aquela tendência para o nada* que os homens trazemos de modo inato.

E me pergunto, dando-me a liberdade de fazer um pouco de simulação histórica:

Que teria sido da humanidade, nestes 1700 anos, sem um Deus **Uno-trino, pessoal**, que é **relação, sociabilidade, movimento, Vida**? Que teria sido do homem sem poder contemplar o Deus Incrriado, nascido de uma mulher, cravado na cruz, morto e ressuscitado? Que teria sido do homem, desconhecendo por completo o Jesus histórico e reduzindo-o a personagem mítico? Que teria sido do homem, durante todo esse tempo, sem **poder referir-se** a si mesmo como **imagem e semelhança** do próprio Criador? Que

¹⁰. Existe muita literatura que acusa Niceia de ter sido o primeiro conciliábulo que degenerou a verdade histórica de um Jesus apenas humano e o divinizou de forma unilateral e forjada, selando finalmente a supremacia da institucionalidade eclesiástica e sua influência, inclusive contra a própria doutrina do rabino de Cafarnaum. Essa teoria não apenas é detalhada em uma plêiade de escritos de diversas naturezas e origens — esotéricos, históricos, novelescos, etc. — desde tratados até simples libelos, como também se difunde por todos os meios audiovisuais disponíveis de maneira indiscriminada.

teria sido do homem, sem a mínima certeza de transcendência? Que teria sido do homem bimilenar, combatendo sozinho e isolado seu último inimigo, a morte? Que teria sido desta humanidade, afundada e extraviada no labirinto existencial de uma vida e de uma existência que **se perde, se dissolve, ou se traveste**, depois de estar encerrada na negatividade da matéria? E, por fim, que teria sido, durante todo esse tempo, do homem tentando libertar-se de seu corpo, de sua mesmíssima identidade, confundindo a morte com a ressurreição e a si mesmo com Deus?

Hoje existe o Cristianismo legítimo e puro — **o caldo de cultivo** da restauração crística, cósmica e holística — porque homens como Atanásio de Alexandria, Nicolau de Mira, Gregório de Nazianzo, João Crisóstomo, Máximo, o Confessor, Fócio, o Grande, Marcos de Éfeso, para citar alguns, não hesitaram em ser desterrados, renunciar ao trono, ser mutilados e até perder a vida para conservar a Fé, a doutrina e o *modus vivendi* que receberam como “**Penhor**” — Παρακαταθήκη — dos mesmos portadores teóforos. Sem eles, sem os operadores da Graça, hoje a Igreja — na qual desfrutamos de modo **gratuito e pacífico** os frutos da fé — simplesmente não existiria.

Por isso, os que mais sabem sobre essa experiência têm a responsabilidade de exortar e proclamar *urbi et orbi* a importância desses marcos na vida da comunidade em que vivemos. **Niceia não é história. É presente!** Porque se evidencia na fé — muita ou pouca — de todos quantos confessam o Jesus histórico como *Deus Verdadeiro de Deus Verdadeiro* e se entregam à sua vontade, praticando — talvez a partir de uma **santa ignorância** — **uma ascese doméstica, simples e vivencial**.

Mas também está ausente em todos aqueles que, ainda dentro de nossas comunidades de fé, deixam-se seduzir, sorratamente, por ardis de **ideologias pseudo-cristãs**, por **sincretismos depressivos**, e confundem o Teândrico com um **personagem mitológico**, ou o identificam com um mestre ascendido, ou com determinada reencarnação, despojando-o — em um **neo-arianismo** — de sua identidade naturalmente divina.

Espero que não se interpretem mal minhas palavras! Não estou pontificando Niceia com sensacionalismo frívolo e precipitado. Não quero nem preciso parecer mais cristão nem mais ortodoxo do que ninguém! O que possa soar ousado — e talvez, superficialmente, um efectismo — no meu discurso se deve à **urgência** que percebo há já algum tempo: **urgência última** de viver e pregar o Deus unitrino, tal como exorta o Apóstolo a seu discípulo Timóteo:

“Conjuro-te, diante de Deus e do Senhor Jesus Cristo, que há de julgar vivos e mortos, na sua manifestação e no seu Reino: prega a palavra, insta a tempo e fora de tempo, corrige, repreende, exorta, com toda longanimidade e doutrina. Porque virá tempo em que não suportarão a sã doutrina; pelo contrário, acumularão para si mestres

segundo as próprias cobiças, como que tendo coceira nos ouvidos; desviarão os ouvidos da Verdade e se voltarão para as fábulas. Tu, porém, sê sóbrio em tudo, suporta as aflições, faze obra de evangelista, cumpre teu ministério.”

II Tim. 4, 1-5

Γένοιτο! Assim seja!